

Sobre os Ombros do Barão: Devoção e Poder Na Festa de Passos na Cidade de São Cristóvão-SE

Magno Francisco de Jesus Santos¹

Resumo: Segundo o romeno Mircea Eliade o *homo religiosus* tem a necessidade de caminhar, de ir ao encontro do umbigo do mundo, do santuário (2001). Em Sergipe oitocentista, essa busca era direcionada a cidade de São Cristóvão, capital da pequena província até 1855. Todos os anos, ao se aproximar o segundo final de semana da quaresma, diferentes segmentos sociais rompiam com suas rotinas ordinárias e adentravam em um universo místico, maculado pela sacralidade. Era a sagrada semana dos Passos. Ao longo do século XIX a elite açucareira sergipana participou assiduamente da procissão do Senhor dos Passos na cidade de São Cristóvão. Fé e poder desfilavam pelas ruas estreitas e enladeiradas da velha capital, despertando o interesse dos demais devotos e estimulando disputas pela posse da charola. Esta investigação tem como propósito compreender a participação do Barão da Estância na procissão dos Passos a partir de seus sinais deixados ao longo do tempo. Trata-se de indícios de uma devoção que se perpetuou na memória coletiva da cidade. Partindo da reflexão acerca dos sinais produzidos ao longo do tempo e que foram deixados, intencionalmente ou não, temos o propósito de compreender a participação do Barão da Estância nas procissões do Senhor dos Passos na segunda metade do século XIX e início do século XX. Trata-se de um estudo que se debruça sobre os vestígios produzidos pelo homem e que sobreviveram às ações do tempo e da sociedade. São fragmentos de memória que provocam ecos de uma devoção. Para compreender essa atmosfera religiosa torna-se necessário adentrar no universo que envolvia a realização da procissão dos Passos, que ao longo do século XIX se tornou a maior solenidade religiosa da província de Sergipe. Romeiros pobres, caminhantes pelas estradas da província e senhores de engenhos do Vaza-Barris compartilhavam dos fiéis que lotavam as estreitas ruas de São Cristóvão. Um cenário teatral, receado de promesseiros, atores, cenas e platéia ávida por bênçãos. Os passos firmes dos devotos buscavam exasperadamente o encontro com o sagrado. Eles estavam adentrando em outra dimensão simbólica, em uma nova temporalidade, sob novo ritmo marcado pela agitação. Além da emoção e esperança, os devotos carregavam consigo ex-votos, imagens-testemunhos das benesses alcançadas. Eram os promesseiros que aguardavam ansiosos pelo segundo final de semana da quaresma para deslocar-se até São Cristóvão no intuito de depositar seus objetos de agradecimento pelo milagre do santo. Assim, ao longo de dois séculos, o claustro da Igreja da Ordem Terceira do Carmo foi transformado em uma verdadeira sala dos milagres, com inúmeros objetos de agradecimento espalhados nos dois pavimentos, representando a popularidade que a devoção alcançou em Sergipe.

Palavras-chave: devoção, procissão, penitência.

Introdução

Um velho diante da expectativa da morte convida seu advogado e prepara seu testamento. Sentado na ampla e ventilada sala o velho resignado descreve suas intenções, seus últimos desejos. Foi um momento de lembrar a importância de todos aqueles que o acompanharam ao longo de sua vida e avaliar o mérito ou não de ser contemplado em seus escritos. Familiares esperavam o que poderia surgir naquelas páginas manuscritas. Haveria, afinal de contas, alguma surpresa?

Um momento de tensão pairou em seu casarão. Lembranças afortunadas o perturbaram e reafirmaram sua decisão. Era a hora de repartir sua fortuna entre familiares, sem esquecer de agraciar àqueles que porventura o auxiliaria na temerosa tentativa de adentrar no reino da salvação: os santos também foram lembrados pelo devoto benevolente. O mesmo ocorreu com as irmandades e ordens terceiras. Assim, ele declarou que “segui a Religião do Christo e sou firme Catholico Apostólico Romano (Testamento do Barão da Estância, 1904).

O homem fragilizado tenta reafirmar sua expressividade católica anunciando todo capital simbólico, com títulos e honrarias que denunciavam sua nobreza. Entre os beneficiados pelo ancião estava uma igreja, a Igreja do Senhor dos Passos na cidade de São Cristóvão, que recebeu umas apólices de valor considerável a juros de cinco por cento ao ano². O barão estava tranqüilo, pois poderia finalmente morrer em paz. No dia 13 de abril de 1903 o barão expressou sua decisão:

Deixo a Igreja de Nosso senhor dos Jesus dos Passos da cidade de S. Christóvão huma apólice de hum conto de réis de juros a 5% e com os juros desta apólice devem dizer huma Missa Cantada todos os annos no dia da [ilegível]. Esta apólice ficará em poder do parochio de freguesia e q. deixa a seo sucam tanto direito de cobrar os preços do anno q. a de Missa cantada. Não poderá em tempo algum passar a outro e sem der salão justifica q. a Igreja precisa de reparos, e neste caso poderá ser negociada (Testamento do Barão da Estância, 13-04-1903).

Na fazenda Escurial todos sabiam do apreço que o velho Barão da Estância tinha com o santo protetor da velha capital. As doações foram constantes e o lugar do barão nas procissões de penitência já era cativo. Desse modo, não foi surpresa a lembrança que Antônio Dias Coelho e Mello teve de seu fiel santo devocional. Foi o último ato de gratidão ao santo querido e respeitado.

1- A Casa do Senhor

Nesses dias, todos os caminhos pareciam convergir na velha capital. A pé ou em carros puxados por bois, de acordo com as posses de cada um, os sergipanos caminhavam em busca da proteção da imagem sagrada que os aguardava na Igreja da Ordem Terceira do Carmo da primeira capital. A jornada era longa e poderia durar vários dias. Mas a fama do santo era proporcionalmente grandiosa e o caminho árduo se tornava uma ocasião propícia para a purificação do corpo para o momento solene: o encontro com o santo de devoção.

Nos caminhos o assunto principal eram as proezas do Senhor dos Passos, santo milagroso, dos olhos vivos (a imagem possui olhos de vidro). O relato dos milagres só aumentava a emoção e a expectativa de poder encontrar a imagem possuidora de tanto poder e bênção. Milagres e bênçãos não faltavam nos depoimentos a respeito do Senhor dos Passos de São Cristóvão. A devoção era consideravelmente difundida na província, mas a atenção maior recaía sobre a imagem da referida cidade, que teria sido encontrada às margens do rio Paramopama, que banha São Cristóvão. Observe o depoimento de um memorialista da localidade:

Um homem praiano, cujo nome não me lembro, encontrou certo dia, rolando pela costa que fica ao sul da cidade, um grande caixão, resultado talvez de um naufrágio de alguma sumaca; elle cuidadosamente rolou para terra, abri-o e surprehendido ficou verificando a existência de uma perfeitíssima Imagem de roca em tamanho

natural. O homem de educação religiosa e muito honesto tomou uma canoa e nella acomodou o referido caixão, e com outros companheiros transportou para a velha cidade, o felis e milagroso achado. Foi esta sagrada Imagem ali entregue aos frades jesuítas Carmelitas que a collocaram em uma capellinha na Igreja-Ordem Terceira do Carmo, e depois de longos annos, mudada para o Trono do altar-mor da mesma igreja (SANTIAGO, 1920: 20).

Como se pode perceber, a origem da devoção ao Senhor dos Passos na primeira capital de Sergipe possui características místicas, pois teria sido resultante de um achado, ou seja, na visão religiosa o santo é que teria escolhido a localidade para estabelecer morada. Situações semelhantes foram comuns na maioria dos santuários católicos do Brasil. Entre os de maior apelo popular quase sempre percebe-se a presença de elementos consagradores que permeiam a trajetória da devoção. Exemplos não faltam, como os de Nossa Senhora Aparecida, Bom Jesus de Pirapora e Bom Jesus da Lapa. Certamente essa origem mítica era mais um dos ingredientes que fortalecia o apelo devocional ao Senhor dos Passos.

2- Os Passos da Paixão na Jerusalém Sergipana

O principal documento sobre a solenidade de Nosso Senhor dos Passos no período entre 1886 e 1920 é o Anuario Christovense de Serafim de Santiago. A obra é um relato detalhado e minucioso da trajetória dos romeiros até o santuário sancristovense. No texto memorialístico pode ser evidenciado seis momentos, sendo eles: caminhada, chegada e contemplação, depósito, encontro, despedida e retorno dos devotos.

O primeiro momento descrito por Santiago é o da caminhada. De forma breve, porém atenta, o autor narra que:

Quando se aproximava o segundo Domingo da quaresma, dia consagrado a tradicional procissão dos Passos na legendária cidade de São Christovão, desde cedo e alguns dias antes, a multidão se dirigia para ali em continua romaria afim de assistir a dolorosa memoração da tragédia da rua da Amargura, ‘o encontro da formosa filha de Sião com seu filho unigenito’, acto que ainda hoje se celebra na ex-Capital Sergipana (SANTIAGO, 1920: 19).

O relato acima é revelador. O autor demonstra que nas primeiras semanas quaresmais as estradas que levavam a São Cristóvão ficavam repletas de romeiros que buscavam participar da celebração dos Passos. A caminhada descrita apresenta algumas peculiaridades, por se tratar de uma romaria, ou seja, a busca pela contemplação e experiência com o universo sagrado. Neste sentido, a romaria representa o deslocamento espacial do devoto que temporariamente afasta-se da realidade cotidiana caótica para adentrar na ordem cósmica sacralizada. É a busca do santuário. Isso explica o comportamento dos romeiros no itinerário entre a sua localidade de origem e a cidade de São Cristóvão, vista pelo autor como sendo “romaria com maior reverência”. É óbvio que esta versão é a penas um olhar lançado sobre as estradas que ligavam São Cristóvão às demais cidades nas primeiras semanas da quaresma. Além disso, Santiago não é um observador qualquer, mas sim um cidadão sancristovense, católico e acima de tudo, admirador da solenidade de Passos. É muito provável que o silêncio predominante nem sempre fosse respeitado, pois em uma longa caminhada a alegria e os risos também deveriam está presentes, mesmo se tratando de uma romaria de penitência.

Santiago também retrata os diferentes ritmos da romaria. De acordo com o segmento social ou o voto do romeiro, o deslocamento até São Cristóvão era vencido por diferentes meios. A penitência era iniciada com o sacrifício da jornada a ser cumprida a pé. No período estudado (1886- 1920) a trajetória devocional variou com as mudanças nos meios de transportes, levando-se em consideração que em 1914 foi implantada a ferrovia ligando a Velha Capital às praias de Aracaju. Com isso, em 1920 Santiago afirmou que:

Hoje que nosso Estado acha-se dotado de uma estrada de ferro, havendo um trem diário para aquella cidade, desapareceu a grande influencia dos romeiros costumados, que alguns dias antes começavam a viajar, uns a pé, outros em carros puchados a bois, fazendo um agradável descanso nas margens do Rio Pitanga (SANTIAGO, 1920: 19).

Sob a ótica do memorialista, a implantação da ferrovia entre São Cristóvão e Aracaju resultou na redução de romeiros que seguiam a pé pelas estradas. A partir de 1914 o trem passou a ser o principal meio de transporte para a solenidade de Passos, o que não significou o fim dos demais. O que chama mais atenção no depoimento é a predominância dos romeiros que seguiam a pé até o santuário no período anterior a 1914. A caminhada rumo ao santuário representa uma importante simbologia no universo cristão. Em diferentes épocas e localidades destacaram-se as longas caminhadas para santuários como Santiago de Compostela, Roma e Jerusalém (BALBINOT, 1998, p. 77). Nos primeiros dias da quaresma o afluxo de romeiros que adentravam em São Cristóvão era considerável, como atesta mais uma vez o memorialista local:

No correr da primeira semana da quaresma, principiavam a chegar muitas famílias de todos os pontos da Província, principalmente da nova Capital de Aracaju, donde a maior parte da pequena população era natural de S. Christovão. Chegava finalmente no sabbado a tarde o Ex^{mo} Senhor Presidente da Província, de seu estado-maior, assim como um grande número de funcionários públicos gerais e provinciais e a musica do corpo de policia. Grande era a concorrência de carros conduzindo famílias a entrarem dia e noite na velha cidade (SANTIAGO, 1920: 20).

O depoimento demonstra que o afluxo de romeiros a São Cristóvão no período da solenidade era realmente considerável. Com a proximidade das celebrações, os devotos de diferentes segmentos sociais começavam a chegar à terra do Senhor dos Passos. Nesta ocasião ocorria um dos principais momentos da solenidade: o encontro dos romeiros com a imagem do Senhor dos Passos. A relevância deste momento é devido a interação do fiel com a imagem, o contato íntimo com o desejado universo sagrado. A contemplação inicial ao pé da charola era peculiar. Na sexta-feira da quadragésima a imagem era transportada do Carmo Pequeno para o Grande, local onde era preparada a charola para a procissão. A imagem permanecia velada, ou seja, coberta com pano roxo a espera da penitencial procissão do depósito. A contemplação nesse momento era intensa, pois durante todo o sábado sagrado os romeiros visitavam a igreja do Carmo com o intuito de observar e poder tocar ao menos nos pés da imagem. A contemplação continuava no dia seguinte, após a celebração da missa das dez, como relembra Serafim de Santiago:

A proporção que os fieis iam entrando no referido templo de N. S. da Victoria, viam do lado do Evangelho, isto é com frente à capella do Santíssimo, postos os mesmos dois cavalletes e sobre elles a rica charola, já sem o encerro do sabbado à noite; nella achava-se o grande vulto do Nazareno exposto a veneração dos fieis que anciosos procuravam admiral-o. ali estava elle de joelho em terra no centro da charola, vestido em rica túnica de gorgurão roxo, supportando o pezo do grande madeiro, com aquelle rosto venerável, os olhos injectados fitos para o chão, demonstrando a grande agonia cauzada pelo pezo da cruz. Finda a missa, era repetida a mesma scena dada na egreja Ordem 3^a do Carmo, isto é, os fieis rodeavam a charola admirando da mesma forma, tamanha perfeição, dizendo alguns: 'não tenho coragem de me tirar deste sagrado lugar'. Assim conservava-se a grande concorrência dos romeiros até as 4 horas da tarde quando os sinos da Matriz começavam a dobrar, chamando de novo os fieis para o acto mais notável de minha terra natal (SANTIAGO, 1920: 23v).

O depoimento do memorialista é elucidativo, por demonstrar o quanto a imagem do Senhor dos Passos era venerada. Por isso mesmo ter acesso a charola nos dias de solenidade não aparentava ser tarefa fácil, levando-se em conta o elevado número de romeiros e a

insistência de devotos em permanecer contemplando a imagem durante todo o dia. Visando demonstrar a lotação da matriz da cidade, o autor resolveu descrever a entrada no mesmo de forma ritmada, ou seja, é como Santiago estivesse assumindo o papel de emissário correspondente do evento para o leitor. Ao ler o texto, o leitor sente-se adentrando passo a passo na grande matriz sancristovense e percebe, detalhadamente, a escultura do Senhor dos Passos.

No universo simbólico religioso do romeiro, o local onde está depositada a charola do Nazareno constitui uma sacralização privilegiada. O templo em si já é visto enquanto local sagrado, no entanto, a presença da imagem agrega uma nova função, reforça a sacralidade. Sob esse prisma, a elevada procura pelo Senhor dos Passos pode ser interpretada como uma forma de sentir, presenciar, vivenciar a sacralidade.

O terceiro momento que pode ser evidenciado no Anuario Christovense é o da procissão do depósito. No plano penitencial, este é o ápice da solenidade, por ser o momento em que diferentes segmentos sociais cumprem seus atos de desobriga no curto trajeto processional entre as igrejas do Carmo e da Matriz. No período estudado a cidade de São Cristóvão ainda não possuía rede elétrica. Mesmo assim, a tradicional procissão do sábado à noite não transcorria às escuras. Além do luar, as ruas do trajeto eram iluminadas com lanternas depositadas nas fachadas do casario e com as velas dos inúmeros romeiros que lotavam a igreja e praça do Carmo. Embora o itinerário da procissão fosse curto, a procissão era demorada, pois além de passar pela praça do Carmo, rua da Imperatriz e praça da Matriz, o cortejo parava por três vezes para o canto dos passos³.

O quarto momento da narrativa de Santiago é a procissão do Encontro, realizada no segundo domingo da quaresma. Mesmo não tendo muitos romeiros cumprindo sacrifícios como no cortejo da noite anterior, a procissão também apresenta aspectos penitências, por lembrar “a tragédia da rua da Amargura, o encontro da formosa filha de Sião com o filho unigênito” (SANTIAGO, 1920, p. 19). Através da narrativa do autor sancristovense podemos constatar uma série de aspectos presentes na procissão, dos quais o mais marcante é o caráter teatral. O longo cortejo que saía pelas ruas da Velha Capital ao entardecer de domingo era uma verdadeira encenação dos últimos momentos da paixão. Vários elementos somavam-se para fortalecer a teatralidade barroca da solenidade como o ritmo, os cânticos, o encontro, as cenas representando os sete passos, as imagens em tamanho natural, a mistura sincrônica de imagens e personagens bíblicos representados por moradores da cidade e o cenário, cercado pelo casario barroco. No teatro dos Passos, é difícil distinguir o público dos atores, pois o público formado por romeiros interagia constantemente com a encenação, ou seja, desempenham função ativa na celebração, como evidencia o memorialista:

Alguns momentos antes de sair a procissão da Matriz uma pequena força composta de 8 praças e um sargento do corpo de policia para guarnecer as charolas e o Pallio. Dadas às 5 horas, e já estando presentes todos os sacerdotes, o Prior dirigia-se ao vigário Barrozo pregador do encontro e tratavam de mandar sahir a procissão. O vigário chamava o Senhor Jozé Antônio de Souza Leal, antigo devoto de carregar o pendão e a elle dava ordem para sahir primeiramente aquelle grande estandarte de pano grosso de damasco roxo levantada em uma haste de pau, superior a 20 palmos de altura [...]. Sahia então a procissão da Matriz; era agradável ver apparecer a venerável Imagem do Senhor dos Passos, que ia percorrer algumas ruas da velha cidade e fazer o seu encontro doloroso. Ao chegar a charola na porta principal, carregada pelos Irmãos 3^{os} de São Francisco, o sargento, commandante da pequena força policial, mandava por joelhos em terra a seus commandados e o pôvo admirado curvava-se reverente deixando passar o famoso Nazareno (SANTIAGO, 1920: 24v).

O texto acima citado é enfático. Demonstra o grau de reverência que havia na solenidade de Passos, em que até o corpo policial ajoelhava-se diante da imagem. Este ato simbólico é revelador, por demonstrar o poderio atribuído à religião no período imperial, ainda regulamentado pelo padroado régio. A interação do público com a procissão torna-se explícita ao se observar o momento em que os devotos curvam-se em reverência à imagem. Deste modo, o público passa a ser ator na dramática encenação dos sete passos da paixão. Também demonstra o grau de teatralidade da procissão o fato da imagem ser erguida somente ao sair da igreja Matriz, ou seja, apresenta-se solenemente ao público de devotos. O mesmo ocorria na hora do encontro das imagens do Senhor dos Passos e de Nossa Senhora da Soledade, na praça São Francisco. Nesta ocasião a eloquência do sermão do vigário Barrozo ritmava a entrada da Virgem no palco lotado pela platéia ansiosa, pois:

Findo este terceiro cântico, surgia no púlpito o vulto do Orador consumado vigário Jozé Gonçalves Barrozo que lançando um olhar prescutor sobre o enorme auditório que enchia a praça, principiava a falar, desenrolando os martyrios e soffrimentos da victima ali presente. O povo já ancioso esperava aquellas palavras inspiradas. Naquelle momento já estavam parados todos os sinos e reinava o completo silencio, esperando os ouvintes o momento mais tocante d'aquelle acto, o encontro doloroso da santíssima Virgem com seu unigênito filho em completa afflicção na rua da Amargura. O povo, attento, ouvindo o orador, prestava ao mesmo tempo attenção a aproximação da charola da Virgem de Sião pela entrada do beco, e os devotos carregadores prestavam também attenção ao pregador, que, no correr do sermão, de quando em vez, fazia sinal mandando que a Virgem se approximasse. Estes sinaes erão tão bem representados, que os espectadores não percebiam, somente entendiam aquelles gestos do orador, os antigos devotos, carregadores da charola. Sublime as figuras grandiosas, as epopéias do verbo, os justos pensamentos sahiam-lhe dos lábios incendiados, quando elle, já tendo ao pé do púlpito a charola da Santíssima Virgem que já era vista pela maior parte da multidão dizia: 'o voz todos, que passaes por aqui, attendei, e considerai, se há dor igual a minha dor e afflicção'. Ao pronunciar elle, estas afflitas e angustiosas palavras, arrancava lágrimas da maior parte dos ouvintes (SANTIAGO, 1920: 25v-26).

A longa e minuciosa descrição do encontro acima citada é contundente. Apresenta claramente os elementos da teatralidade barroca, na qual a praça São Francisco é transformada em um grande auditório. Este é um dos principais momentos da encenação, pois diferentes atores se cruzam como o Senhor dos Passos, a Virgem da Soledade, a Verônica, o pregador e a grande massa de fiéis. A proposta artística barroca era mais um mecanismo aglutinador de fiéis, pois visava educar e ao mesmo tempo legitimar a imagem sacralizada.

O penúltimo momento da solenidade presente na obra de Santiago é a despedida dos devotos. Após o retorno da procissão do encontro para a igreja do Carmo Pequeno os romeiros iniciavam a despedida do santuário, ou seja, preparavam-se para retornar para o seu universo cotidiano e caótico. Antes do retorno inevitável, os romeiros cumpriam os últimos atos penitenciais, os últimos contatos com o sagrado. Com isso, era costume os devotos visitarem durante a noite de domingo os sete passos expostos ao longo do trajeto processional, seguindo o mesmo itinerário da tarde. A despedida era concluída com a veneração das “imagens que ficavam expostas até as 11 horas da noite” (SANTIAGO, 1920: 27).

Por fim, os devotos retornavam para suas localidades de origem. Nas noites iluminadas pelo luar do domingo da quadragésima⁴ os romeiros caminhavam para diferentes destinos e realidades de vida. No depoimento de Santiago é possível ouvir algumas vozes de tais romeiros, com discursos que exalam o sentimento de dever cumprido mesclado com saudade e com a promessa do retorno certo. O desfecho da romaria era marcado pelo elevado número de fiéis pelas estradas sancristovenses. Assim:

Terminada a procissão começavam a sahir os cavalleiros para a nova Capital de Aracaju, para Laranjeiras, Itaporanga, etc. Grande era a multidão de pessoas que a pé seguiam para Aracaju depois da visita dos Passos às 11 horas, aproveitando o lindo luar, e enquanto caminhavam diziam: 'Adeus!!! Adeus!!! Até para a Semana Santa se Deus não mandar o contrário. Pelo caminho os viajantes elogiavam o sermão do vigário Barrozo, analysando alguns tópicos proferidos por elle [...] Deus te dê saúde, Padre Barrozo, e a mim conceda vida, que de ontem a hum mez estarei de volta por este caminho para ouvir outro Sermão do nosso Vigário na Semana Santa. Estas cinco leguas eram sempre vencidas com a mesma satisfação (Santiago, 1920: 27v).

Podemos constatar que no retorno os romeiros firmavam o compromisso de voltar para assistirem as solenidades da semana santa. Esta constatação reforça a idéia de que a cidade de São Cristóvão neste período desempenhava a função de santuário local, aglomerando em suas celebrações, devotos de diferentes partes de Sergipe. Com isso, para tentar empreender a solenidade de Passos, torna-se eminente o estudo dos elementos constitutivos do santuário dos Passos.

3- Indícios de uma devoção

A procissão dos Passos e a devoção do Barão da Estância deixaram muitos rastros além do testamento que garante as apólices à igreja do Carmo Pequeno. São inúmeros sinais deixados em localidades distintas que podem auxiliar na reconstituição do cenário devocional.

Antônio Dias Coelho e Mello foi um devoto assíduo, pois sempre buscou participar com afinco das solenidades do Senhor dos Passos na Velha Capital. Assim, na segunda semana da quaresma ele e sua família se organizavam e seguiam da Escurial para a cidade. Certamente aquela viagem familiar não era mais uma atribuição burocrática que tantas vezes eles eram imbuídos de realizar. Tratava-se de uma viagem de cunho sócio-religioso, na qual haveria momentos de devoção pública. A solenidade dos Passos representava a externalidade dos laços de afinidade entre o devoto e o santo. A visibilidade na religião era notória na religiosidade dos oitocentos, pois a atmosfera barroca ainda prevalecia na mentalidade religiosa. Ser público, exagerado e teatral faziam parte das exigências dos grandes eventos religiosos.

O espetáculo iniciava com a chegada das diferentes famílias de devotos. A elite afortunada com seus imponentes carros puxados por bois, adentrando na cidade com um ruído peculiar que despertavam os olhares curiosos da população. Os devotos desfilavam pelas ruas da cidade e se tornavam a atração principal antes do desfile da imagem desfigurada. Entre os carros de bois seguiam os pobres, romeiros andarilhos que andavam por quilômetros em busca do amparo da religião para expiar seus sofrimentos rotineiros. Em São Cristóvão pobre e ricos se encontravam diante do olhar cabisbaixo do Cristo ajoelhado. Dona Aurélia Dias Rollemberg revela em seu diário a ida de sua família para a procissão penitencial dos Passos, em carros de bois, demonstrando que a religiosidade e sociabilidade estavam entrelaçadas na solenidade dos Passos. Assim ela narrou que “Depois dos mezes no sítio do Pontal, que todos gostavam muito, íamos com muitas saudades para São Cristóvão, assistirmos a Procissão de Passos, Semana sancta, que eram muito bonitas e concorridas” (ROLLEMBERG, 2005: 17).

Outra obra de cunho memorialista apresenta o destaque que tinha o referido barão dentro dos festejos penitenciais dos Passos. Trata-se de Serafim Santiago, que no Anuário Cristovense descreveu minuciosamente o maior evento religioso de sua terra natal. Fé e poder desfilavam juntas na procissão do sábado à noite. Sob a penumbra do alvo luar caminhavam os nobres açucareiros sergipanos carregando nos ombros a pesada charola do Senhor dos Passos. A procissão de penitência que seguia o ritmo dos sinos chorosos era um campo propício para a legitimação política e social. Ter sobre os ombros um dos varões do andar

representava muito mais do que a devoção dos alardes, da teatralidade barroca. Era um ato público de legitimação das figuras políticas da província. Caminhar sob a imagem de maior devoção de Sergipe poderia ser uma ocasião de se apropriar do capital simbólico que a mesma possuía.

As disputas pelo sagrado eram notórias. Elite açucareira se apoderava do bem simbólico, a imagem do Senhor dos Passos. O Barão devoto também estava lá, ao lado do santo alvo de sua devoção, em seu lugar cativo. A charola do Cristo com a cruz sobre os ombros se transformava na antecâmara da elite política local. Presidente da província e deputados se encontravam diante do Senhor, para desfilar sob o silêncio da penitência. Observem o depoimento deixado por Serafim Santiago:

Ao toque da Ave-Maria eram repetidos os dobres chamando o povo para o acto da concorridíssima procissão que sahia da Igreja do Carmo; esta a maior de São Christovão não comportava o extraordinário numero de fieis que espalhavam-se pela praça do Carmo aguardando a sahida da imponente procissão. Momento antes da sahida da Imagem, já ali estavam reunidos um crescido numero de músicos que iam prestar por antiga devoção, seus serviços gratuitamente, segundo ao antigo e respeitável costume. Via também ao pé da charola, aguardando o momento da sahida, o Presidente da Provincia com seu estado-maior, Barão da Estância, Comendador Sebastião Gaspar d'Almeida Botto, coronel José Guilherme da Silveira Telles, coronel Domingos Dias Coelho e Mello, Dr. Silvio Anacleto de Souza Bastos, Dr. Simões de Mello e muitíssimos outros abastardos proprietários do Vazabarris, antigos devotos da respeitável imagem do Senhor dos Passos (SANTIAGO, 1920: 21).

Como se pode perceber, as agitações no entorno da imagem devocional eram constantes, proporcionando o encontro de lideranças políticas. Na semana dos Passos, São Cristóvão voltava a viver sob a esfera de capital, assistindo circular por suas ruas presidentes de província, deputados e senhores de engenho, além de centenas de populares, anônimos nos registros oficiais, que davam corpo a procissão e assistiam o desfile dos senhores do poder. Todavia, os segmentos populares não permaneciam como público passivo, na platéia da trama histórica. Impávidos caminhavam pelas ruas e disputavam o toque na imagem sagrada, a intimidade com o sagrado. Os rogos dos andarilhos descalços ecoavam aos pés da charola, intrépidos em ludibriar com palavras os quase nunca solícitos senhores. Mais uma vez Serafim Santiago flagrou esse episódio da trama dos Passos:

A charola nesta procissão era carregada exclusivamente pelo excelentíssimo Senhor Presidente e seus imediatos; então os homens que naquelle tempo, faziam votos para naquelle dia carregarem a charola, era necessário que rogassem para serem cedidos alguns dos varões aos devotos que haviam feito a promessa (SANTIAGO, 1920: 21).

Mesmo entre os que carregavam a charola havia distinção. O barão tinha um lugar privilegiado, pois seguia em frente, tendo no lado inverso o presidente da província. A honraria o distinguia dos demais nobres sergipanos, pois a solenidade dos Passos tinha atributos que a qualificavam como procissão oficial. Nobiliarquia e camadas populares acompanhavam o cortejo e ser o primeiro na seqüência de carregadores do andor era um privilégio para poucos.

O cenário se torna mais palatável por meio de Gumersindo Bessa que descreve um episódio ocorrido em 1886, ano em que participou pela primeira e única vez da solene procissão. O intelectual sergipano ironicamente espantou-se com a postura nobre e inabalável do barão. Observe a narrativa:

Noite cerrada, MARFÓRIO voltou ao Carmo para ver a procissão de trasladação. Viu ao pé da charola, numa posição indescritível de fidalgo e penitente, um velho esguio, alto, apumado, moreno, barba branca cerrada e curta, cabelleira rebelde, trajado com elegância e modéstia, silencioso, imovel, aguardando a sahida da

procissão naquele posto, para que ninguém lhe roubasse o goso de pôr aos ombros um dos varões do andor (BESSA, 1915).

Sob o pseudônimo de Marfório, Bessa apresenta a postura de Antônio Dias, que mesclava a fineza de um nobre e a humildade de um penitente, como exigia o momento. Ensimesmado aguardava de posto a saída da procissão na qual detinha uma posição privilegiada. Era o Barão da Estância o primeiro nobre a adentrar na Igreja do Carmo e assim recebia os demais senhores do Vaza-barris e o presidente da província, em ato solene e formal.

Mas, no mesmo instante, entram na igreja o Manuel Góes, presidente da província, o Rastelli, juiz de direito da comarca, e o Oséas, secretário do governo. E vão entrando e vão dizendo: Sr. Senador – diz o Góes. Sr. Barão – diz o Rastelli. Meu chefe – diz o Oséas (BESSA, 1915).

O prestígio do Barão da Estância era notório e a procissão dos Passos se transformava no palco em que esse status era exposto publicamente. Os dois senhores desfilavam lado a lado. Um balançava em sua charola, sob o peso da cruz com seu manto roxo e olhar fito para os devotos. O outro carregava o primeiro, com um dos varões sobre seus ombros, num ato de submissão e piedade, contrastando com a postura imponente de fidalgo. Ambos vestidos como nobres, ambos olhando para baixo.

Outro sinal de devoção é uma gratificação doada pelo Barão ao Senhor dos Passos. Trata-se de uma túnica doada ainda no século XIX, tecida com pano roxo e linhas douradas. Uma vestimenta que reflete a nobreza do doador e a devoção dos romeiros. O tempo passou e deixou suas marcas. A túnica doada pelo barão não é mais usada, mas traz em si as marcas de devoção, como o desgaste do tecido em partes em que os romeiros tocavam. O tato devocional passou milhares de vezes pelo manto, em busca de bênçãos, deixando suor, lágrimas e preces. São algumas das facetas da devoção ao Senhor dos Passos, que conseguia unir em um mesmo percurso, sob o mesmo tecido um nobre e tantos flagelados da sociedade aristocrática e excludente de Sergipe oitocentista.

Referências Bibliográficas

AGOSTINHO, Pedro. *Imagem e Peregrinação na Cultura Cristã*: um esboço introdutório. Salvador: Centro Editorial e Didático da UFBA, 1986.

ALBUQUERQUE, Samuel Barros Medeiros de. *Memórias de Dona Sinhá*. Aracaju: Typografia Editorial/Scortecci, 2005.

BALBINOT, Egídio. “*Romaria: elementos antropológicos, bíblicos e históricos*”. In: BALBINOT, Egídio (org.). *Liturgia e Política*. Chapecó: Grifos, 1998. p. 77-126.

BOURDIEU, Pierre. *O Poder Simbólico*. Rio de Janeiro: Bertrand, 1998.

BRANDÃO, Helena Nagamine. *Introdução à análise do discurso*. 7ª ed. Campinas-SP: UNICAMP, s/d.

BRASIL. *Sergipe e seus municípios*. Aracaju: IBGE, Livraria Regina, 1944.

CARVALHO, Eliane Maria Silveira Fonseca. *São Cristóvão e seus Monumentos: 400 anos de História*. Aracaju: Governo de Sergipe, 1989.

CLAVAL, Paul. *A Geografia Cultural*. Trad. Luiz Fugazzola Pimenta; Margareth de Castro Afeche Pimenta. 2ª ed. Florianópolis: Editora da UFSC, 2001.

CRUZ, José. “Aracaju de Outrora: a orquestra de Mestre Cula (contribuição ao estudo do folclore sergipano)”. In: *Revista de Aracaju*. Ano VI. n° 06. Aracaju: Prefeitura Municipal de Aracaju, 1957. p. 255-265.

DEL PRIORE, Mary. *Festas e Utopias no Brasil Colonial*. São Paulo: Brasiliense, 1994.

DUPRON'T, Alphonse. “A religião: antropologia religiosa”. In: LE GOFF, Jacques; NORA, Pierre. *História: novas abordagens*. Trad. Theo Santiago. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1996.

ELIADE, Mircea. *O Sagrado e o Profano: a essência das Religiões*. Lisboa: LBL Enciclopédia, s/d.

FERNANDES, Rubem César. *Os Cavaleiros do Bom Jesus: uma introdução as religiões populares*. São Paulo: Brasiliense, 1982.

GINZBURG, Carlo. *O queijo e os vermes: o cotidiano e as idéias de um moleiro perseguido pela Inquisição*. Trad. Maria Betânia Amorosa. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

—. “Sinais: raízes de um paradigma indiciário”. In: *Mitos, Emblemas, Sinais: morfologia e história*. Trad. Federico Carotti. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

LEITE, Rodrigo Reis. *Os ex-votos da Igreja do Carmo de São Cristóvão: uma fonte para a história da cultura popular em Sergipe*. São Cristóvão, 2002. Monografia (Licenciatura em História). DHI, CECH, UFS.

LE GOFF, Jacques. “Documento / Monumento”. In: __. *História e Memória*. Trad. Bernardo Leite. 2ª ed. Campinas-SP: Editora da UNICAMP.

FREYRE, Gilberto. A República de 89 e a Ordem Social Brasileira. In: __, *Ordem e Progresso*. 5ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2000. p. 264-317.

NUNES, Verônica Maria Menezes. A Procissão dos passos: o ex-voto como "imagem testemunho do milagre". In: *Gazeta de Sergipe*. Caderno A, n° 13239. Aracaju, 15/03/2003.

_____. São Cristóvão mantém tradição religiosa. In: *Gazeta de Sergipe*. Variedade. Aracaju, 27/02/2002.

ROSENDAHL, Zeny. “O sagrado e o profano”. In: SANTOS, Adelci Figueiredo; FONTES, Aracy Losano (org.). *Geografia, agricultura e meio ambiente*. São Cristóvão: NPGED-UFS, 1999. p. 225-236

SANCHIS, Pierre. Festa e Religião Popular: as romarias de Portugal. *Revista de Cultura*. Petrópolis 1979. Vozes. Vol. 73, ano 73, n° 04.

SANTOS, José Nascimento dos. *Museu do ex-voto de São Cristóvão: análise da exposição de longa duração*. São Cristóvão, 2004. Monografia (Licenciatura em História), DHI, CECH, UFS.

SANTOS, Magno Francisco de Jesus. *Caminhos da Penitência: a Solenidade do Senhor dos Passos na Cidade de São Cristóvão- Sergipe (1886-1920)*. São Cristóvão. 2006. 127 f. Monografia (Bacharelado em História). UFS, CECH, DHI.

SILVA Cândido da Costa e. *Roteiro da vida e da morte: um estudo do catolicismo no sertão da Bahia*. São Paulo: Ática, 1982.

SILVA, Clodomir de Souza e. *Álbum de Sergipe*. Aracaju: Governo de Sergipe, 1920.

SILVA. Mônica Martins. As fronteiras da fé nos domínios das festas: sociedade, igreja e romanização em Pirenópolis (1850-1950). *Fragments de Cultura*. Goiânia: IFITEG/SGC/UCG, 2001. Vol. 11, n° 2. p. 203-228.

SOUZA, Fábio Silva. *Arqueologia do cotidiano: um flaneur em São Cristóvão - SE*. São Cristóvão, 2004. Dissertação (Mestrado em Geografia) NPGED, UFS.

SOUZA. Laura de Melo e. *O Diabo e a Terra de Santa Cruz: feitiçaria e religiosidade popular no Brasil Colonial*. São Paulo: Companhia das Letras, 1986.

VOVELLE, Michel. *Ideologias e Mentalidades*. Trad. Julia Goldwasser. São Paulo: Brasiliense, 1987.

¹ Doutorado em História pela Universidade Federal Fluminense, sob a orientação de Martha Campos Abreu. Mestre em Educação e especialista em Ciências da Religião pela Universidade Federal de Sergipe (UFS). Possui publicações acerca da religiosidade sergipana dos séculos XIX e XX, com ênfase para as manifestações de religiosidade popular, como romarias e peregrinações.

² Sobre as apólices deixadas ao Senhor dos Passos confira o testamento de Antônio Dias Coelho e Mello, Barão da Estância. Testamento. Cartório do 1º Ofício. São Cristóvão, cx. 11, n° 77.

³ Na procissão noturna eram cantados apenas três passos, respectivamente na casa da esquina da rua da Imperatriz, na casa de João Florêncio de Almeida (praça da Matriz) e na casa de dona Maria Barretto. Além destes passos, os músicos também cantavam versículos nas igrejas do Carmo e da Matriz. Mesmo considerando esses dois versículos como passos, não chegamos a quantidade tradicional de passos cantados nos dias atuais (sete). Provavelmente as outras duas paradas foram acrescentadas posteriormente.

⁴ Segundo o calendário cristão, as sete semanas que antecedem a paixão possuem uma nomenclatura específica. Assim, a semana anterior ao carnaval é chamada de setuagésima; a do carnaval, sexagésima; a primeira semana da quaresma, quinquagésima, a segunda, quadragésima e assim sucessivamente.